
**ARTE E IDENTIDADE NACIONAL GREGA: UM ESTUDO SOBRE A
CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE ATENAS 2004**

DOI: 10.33871/sensorium.2024.11.9146

*Bruno de Oliveira da Silva¹
Elloane Carinie Gomes e Silva²*

Resumo: O estudo objetivou desvelar a identidade nacional grega apresentada na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004. Este trabalho originou-se de uma abordagem qualitativa, com base em levantamentos bibliográfico e documental, efetivando assim, um estudo de caso sob a vertente semiótica de Peirce (2017), analisado pela ótica do método “Análise de Imagens em Movimento” adaptado por Silva (2019) e de Rose (2015), com o auxílio do Opening Ceremony Media Guide. O estudo apresentou simbologias de elementos presentes na identidade nacional grega exibidos pelo espetáculo.

Palavras-chave: Arte Grega. Identidade Nacional Grega. Jogos Olímpicos. Cerimônia de Abertura. Atenas 2004.

**ART AND GREEK NATIONAL IDENTITY: A STUDY ON THE
OPENING CEREMONY OF THE ATHENS 2004 OLYMPIC GAMES**

Abstract: This study aims to explore the Greek national identity as depicted in the Opening Ceremony of the Athens 2004 Olympic Games. The research employs a qualitative approach, relying on bibliographic and documentary surveys. It constitutes a case study within Peirce's semiotic framework (2017), analyzed using the “Analysis of Moving Images” method adapted by Silva (2019) from Rose (2015), supported by the Opening Ceremony Media Guide. The study analyzes the symbolic elements that represent the Greek national identity showcased in the ceremony.

Keywords: Greek Art. Greek National Identity. Olympic Games. Opening Ceremony. Athens 2004.

¹ Fotógrafo e pesquisador, possui Licenciatura em História e Segunda Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Pós-graduação em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bacharel, Mestre e Doutorando em Turismo e Hotelaria pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria na Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade (EACH) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Pauta-se nas conexões transdisciplinares de sua formação para desenvolver pesquisas no campo dos estudos visuais e culturais, tendo como principais objetos de investigação: produções fotográficas e audiovisuais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5811-0689>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8298852539612815>. E-mail: portalbruno.oliveira@gmail.com.

² Designer e pesquisadora, possui graduação em Design de Produto pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Mestrado em Turismo e Hotelaria pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria na Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade (EACH) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Cursa Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Desenvolve pesquisas científicas no campo dos estudos culturais, entremeando Design, Arte e Patrimônio Cultural. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5163-6311>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8046518595253766>. E-mail: elloane.carinie@gmail.com.

ARTE E IDENTIDADE NACIONAL GRIEGA: UN ESTUDIO SOBRE LA CEREMONIA DE APERTURA DE LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE ATENAS 2004

Resumen: El estudio tuvo como objetivo desvelar la identidad nacional griega presentada en la Ceremonia de Apertura de los Juegos Olímpicos de Atenas 2004. Este trabajo se originó a partir de un enfoque cualitativo, basado en investigaciones bibliográficas y documentales, llevando a cabo un estudio de caso desde la perspectiva semiótica de Peirce (2017), analizado a través del método “Análisis de Imágenes en Movimiento” adaptado por Silva (2019) de Rose (2015), con la ayuda de la Guía de Medios de la Ceremonia de Apertura. El estudio presentó simbologías de elementos que forman parte de la identidad nacional griega exhibida en el espectáculo.

Palabras clave: Arte Griega. Identidad Nacional Griega. Juegos Olímpicos. Ceremonia de Apertura. Atenas 2004.

Introdução

Os Jogos Olímpicos têm uma tradição milenar. De acordo com Colli (2004, p. 7), a primeira edição historicamente comprovada ocorreu em “Olímpia na Grécia Antiga [...] no ano de 776 a.C.”. A historiografia vinculou a realização do evento ao longo dos séculos aos cultos religiosos dedicados a Zeus, inclusive resultando em pausas em guerras, um período conhecido como “trégua olímpica”. Muitos dos costumes da Grécia Antiga circundam os Jogos Olímpicos da Era Moderna, como os preparativos dos festivais em Olímpia, que começavam com dez meses de antecedência da data inicial (GIRGINOV; PARRY, 2005).

A primeira tomada de decisão consistia em definir uma comissão organizadora, que tinha um papel de destaque nos locais de competição. Metas, datas, objetivos e organização na realização dos eventos eram características do pensamento grego desde a Antiguidade (FREIRE; RIBEIRO, 2006). Durante séculos, as competições ocorreram a cada quatro anos, até que o imperador Romano Teodósio I encerrou a tradição no ano de 392 d.C. (SWADDLING, 2015). Após a abolição dos jogos, Olímpia tornou-se vítima de vandalismo, incêndios, terremotos e a ação do tempo em seus edifícios. Gradualmente, o local histórico desapareceu sob vários metros de terra e caiu no esquecimento.

Graças aos escritos de historiadores antigos, a memória dos jogos e seu lugar no mundo grego não foi totalmente esquecida. Somente no século XIX, com pesquisas e escavações arqueológicas, os vestígios de Olímpia foram finalmente revelados. Hoje, a visitação a esses remanescentes permite aos turistas apreciar a importância dos sítios históricos e imaginar a glória passada dos Jogos Olímpicos (GIRGINOV; PARRY, 2005). Desde sua reformulação moderna em 1896, possibilitada pelo esforço do Barão Pierre de Coubertin, o evento teve como foco não apenas o aspecto esportivo, mas também o cultural, buscando, de acordo com Silva (2019, p. 83), “reviver a tradição grega de celebrações quadrienais do atletismo e das artes exercidas em Olímpia a partir de 776 a.C.”.

A organização de uma edição moderna dos Jogos Olímpicos envolve vários setores, gera investimentos em diversos segmentos da sociedade, cria milhares de empregos diretos e indiretos, movimenta milhões de dólares em ações de marketing, publicidade, propaganda, direitos de transmissão e de imagem, impulsiona atividades do terceiro setor e promove mensagens morais positivas, estreitando as distâncias entre os povos e facilitando o intercâmbio de culturas (FREIRE; RIBEIRO, 2006). Além disso, cada edição do evento ainda produz obras artísticas de impacto mundial, conhecidas como cerimônias (TOMLINSON, 2006).

Esses espetáculos artístico-culturais, chamados de cerimônias de abertura e encerramento dos jogos, têm o propósito de elevar a notoriedade de uma nação, tornando visíveis ou (re)significando identidades nacionais (TRAGANOU, 2010; HOGAN, 2011). Para Coubertin (2015, p. 588), o tema das cerimônias é “de praxe um dos mais importantes”, pois a Olimpíada “deve distinguir-se de uma mera série de campeonatos mundiais especialmente pelas cerimônias” (Ibid, p. 588), uma vez que elas carregam uma “solenidade e um cerimonial que não podem ficar à margem do prestígio conferidos por seus títulos de nobreza” (Ibid, p. 588).

Após atravessar o século XX acompanhando os avanços tecnológicos e consolidando-se como o maior evento esportivo do planeta e uma das maiores audiências globais (ARNING, 2013; SILVA; TRICÁRICO; PEREIRA, 2023), os Jogos Olímpicos retornaram às suas origens na Grécia. Em 2004, o megaevento ocorreu na cidade de Atenas e contou com uma cerimônia de abertura que buscou apresentar ao mundo todas as conquistas do país, ilustrando uma identidade por meio da arte, sendo elogiada pela imprensa internacional. Nesta conjuntura, surgiu o estudo em questão, que visou desvelar a identidade nacional grega apresentada na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, com uma abordagem qualitativa, tendo como base os levantamentos bibliográfico e documental, efetivando assim um estudo de caso.

Arte e Identidade Nacional

O reconhecimento da pluralidade sociocultural, étnica e política enquanto espaço de reflexão, sistemático e simbólico fornece subsídios para a discussão acerca das interações entre a arte e a identidade nacional. No contexto estudado por Misses (1996), a pluralidade é uma premissa ideológica, política, filosófica e acadêmica que envolve processos e esforços sobre o descobrimento (ou invenção) dos contornos conceituais e existenciais que integrariam o “nós” em detrimento dos “outros” (Ibid, p. 221).

Partindo, especificamente, da realidade sociológica e histórica das raízes culturais, é possível entender que a construção da identidade nacional é realizada por meio de vários códigos dentro do fenômeno sociocultural coletivo (MISSSES, 1996). Esse fenômeno consiste em uma produção de sentido, ou seja, constitui-se em um emaranhado de teias de significados tecidos pelos seres humanos em suas interações cotidianas (GEERTZ, 1989). Assim, essas interações, simbólicas e normativas, apresentam modos coletivos de pensar e viver que são comuns a um determinado grupo humano.

Esses grupos são circunscritos pela cultura nacional e política, mas também por uma realidade intersubjetiva conhecida como “comunidade imaginada” (HARARI, 2020). Essa comunidade existe apenas na imaginação coletiva, onde a nação é a comunidade imaginada do estado, o qual se esforça para fazer com que imaginemos que “milhões de desconhecidos pertencem à mesma comunidade que nós, que temos todos um passado, interesses e um futuro em comum” (HARARI, 2020, p. 383).

Para Hall (2014, p. 50), um dos renomados pesquisadores no assunto, as culturas nacionais são uma das principais fontes de identidade cultural, e pensamos nelas como se fizessem parte da nossa natureza. O autor ainda destaca que as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da “representação”, apresentando discursos, que endossam narrativas compostas por elementos como “histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam” ou “representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres, que dão sentido à nação” (HALL, 2014, p. 52).

Para o entendimento desses conjuntos simbólicos, podem ser interpostas as noções associadas à cultura, que constituem uma abrangência da história cultural, a saber: a linguagem (ou comunicação), as representações e as práticas (manifestações culturais, incluindo as práticas discursivas e não-discursivas) (BARROS, 2005). De acordo com Schneider (2004, p. 100), a linguagem mantém uma relação próxima com a cognição, sendo a “língua” um marcador distintivo para membros de

diferentes culturas, e a “representação linguística” um meio que torna possível o reconhecimento social e cultural da “realidade”.

Além disso, destaca-se o estudo de Chartier (2002, p. 16) acerca das “práticas” e “representações” na história cultural, que tem como “principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Com essa perspectiva teórica, Barros (2005, p. 131) salienta que é possível entender que tanto os objetos culturais podem ser produzidos “entre práticas e representações”, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam nesse espaço, correspondendo, em certa medida, aos “modos de fazer” e aos “modos de ver”.

Sendo assim, as práticas culturais devem ser pensadas não apenas em relação à produção cultural de uma sociedade, mas também em relação aos usos e costumes (BARROS, 2005; ELIAS, 1994). Nesse contexto, o campo das “representações”, de acordo com Le Goff (1994, p. 11), engloba “todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida”. As representações podem ainda ser articuladas com outras categorias teóricas da história cultural, como os símbolos, neste estudo fundamentado na vertente semiótica de Peirce (2017).

Nesta perspectiva teórica, vislumbra-se o entendimento da arte como uma figura encontrada nessas formas de construção, fruição e difusão das identidades nacionais. Para Silva (2017), a memória, dentro do campo cultural, é um mecanismo de afirmação identitária mediado pela arte; assim, além de ser um veículo de autorreferência, também permite que o conteúdo histórico e testemunhal, pertencentes aos grupos sociais, sejam apresentados como símbolos de identidade (CANDAUI, 2014).

Dentro da pluralidade cultural existente, a arte vivencia o múltiplo ao mesmo tempo em que possibilita o reconhecimento no processo criativo. Seu sentido é igualmente polissêmico, baseando-se em abstrações conceituais - um lugar poético, extraordinário ou simbólico (SILVA, 2017). Na história cultural, sua natureza compromete-se com a produção cultural da sociedade em seu sentido mais amplo. Ambos denotam um constante movimento de produção e reprodução da sociedade, alicerçado por Baudrillard (1992, p. 34) na busca em ressuscitar “o real que lhe escapa” e que coincide com os seus modelos de simulação.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa, de natureza básica, com abordagem qualitativa e alcances exploratório e descritivo, utilizou levantamentos bibliográficos e documentais como procedimentos técnicos de coleta de informações. Foi alicerçada na vertente semiótica de Peirce (2017). O estudo se baseou na “Análise de Imagens em Movimento”, um método concebido por Rose (2015) e adaptado por Silva (2019) para investigações que se concentram nos tratamentos estético-visuais e verbais ao decodificar atributos de identidade nacional em documentos audiovisuais, consistindo a análise em duas etapas.

Inicialmente, ocorre a transcrição audiovisual (dividida em cena e som) e verbal. Posteriormente, realiza-se a decodificação das unidades de análise com atributos de identidade nacional pré-estabelecidos. O modelo permite a substituição dos itens na unidade de análise “Som” para inclusão dos gêneros musicais identificados, que variam conforme a nacionalidade dos elementos estudados, como pode ser observado na (Figura 1).

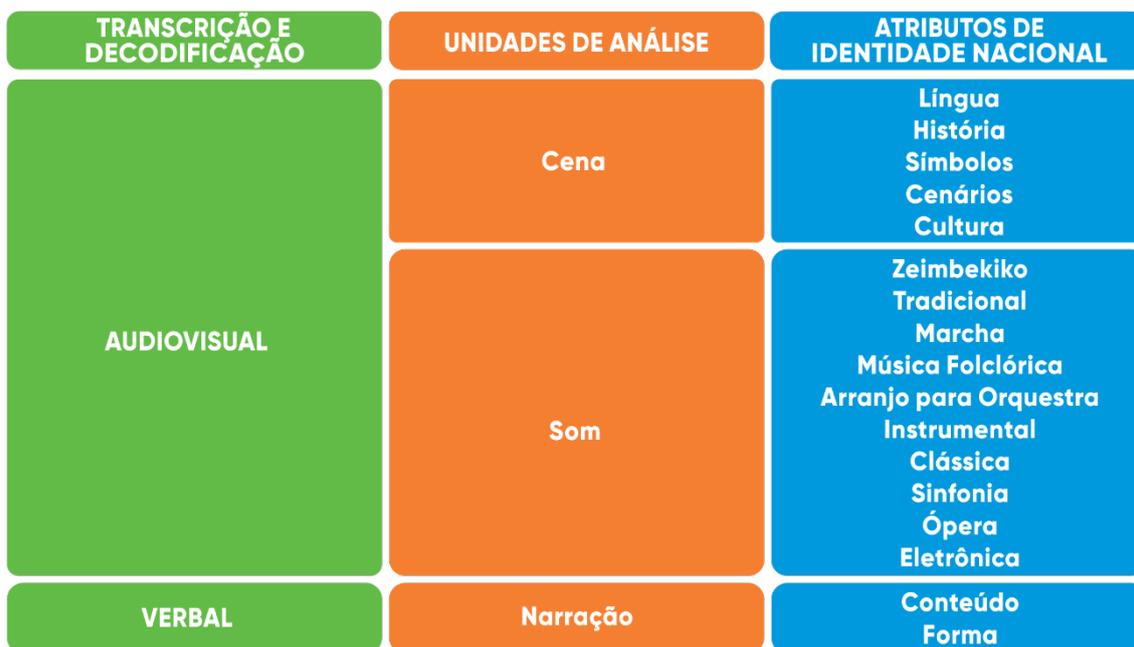


Figura 1 – Unidades de Análise de Identidade Nacional. Fonte: Adaptado de Silva, 2019.

O objeto de análise, a Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, foi capturado da transmissão na plataforma *Olympic Channel*, intitulado “Athens 2004 - Opening Ceremony”, com uma duração total de 3 horas, 27 minutos e 44 segundos. Foi utilizado o guia de mídia distribuído para todas as emissoras de televisão que cobriram o evento, intitulado “Opening Ceremony Media Guide” em sua versão impressa em língua inglesa, para auxiliar na decodificação dos 17 segmentos, resumidos em 10 para a análise.

Todas as falas dos cerimonialistas foram executadas em grego, francês e inglês; no entanto, para este estudo, considerou-se apenas o último idioma. Seguindo o modelo de análise inicial, não foram considerados os discursos protocolares.

O Espetáculo

As cerimônias de abertura transformaram-se em grandes eventos culturais, consolidando o megaevento Olímpico como uma potente ferramenta promocional no contexto da comunicação mundial (SAJNA, 2018), o qual recebe destaque em todos os formatos de mídia (PANAGIOTOPOULOU, 2016). Devido ao grande impacto na audiência, estimada em milhões de pessoas, os espetáculos de abertura são ferramentas-chave na disseminação de mensagens nacionalistas, servindo oportunamente como uma chance para o país reformular sua imagem, utilizando o evento como uma ferramenta de *destination branding* e reposicionando-se como um destino turístico reconhecido no mapa global.

Nos Jogos da XXVIII Olimpíada da Era Moderna, o cenário não foi diferente. O comitê organizador, em colaboração com as autoridades públicas, planejou o evento com o objetivo de apresentar uma “nova Grécia” por meio do programa de infraestrutura, que incluiu a construção de imponentes arenas e estádios no Complexo Olímpico “Helliniko” e a execução primorosa dos espetáculos de abertura e encerramento no programa cultural, honrando o histórico da espetacularização artística do país (TRAGANOU, 2009). Isso efetivou o elo entre o esporte e a cultura, uma tradição que remonta ao início do evento na Grécia Antiga (SWADDLING, 2015).

A “nova Grécia” estava diretamente vinculada à sua história como terra mãe dos jogos, como evidenciado no slogan do evento: “*Welcome Home*”, que enfatizou o potencial cultural do país como guardião dos valores do espírito olímpico (PANAGIOTOPOULOU, 2016). Nesse contexto, pela

primeira vez na história, o percurso do revezamento da tocha olímpica percorreu todos os continentes até chegar ao Estádio Olímpico de Atenas (Ολυμπιακό Στάδιο) em 13 de agosto de 2004, para a cerimônia de abertura, que foi concebida e dirigida pelo diretor de teatro, coreógrafo e artista visual grego Dimitris Papaioannou.

O diretor então com 38 anos foi escolhido apenas dois anos antes da realização do evento pelo comitê organizador para comandar tanto a cerimônia de abertura quanto a de encerramento. O objetivo era evitar estereótipos e ir ao encontro, de acordo com Traganou (2010, p. 238 – tradução nossa), com a “linguagem da vanguarda internacional”, destacando a Grécia como berço da democracia, filosofia, teatro e o esporte (ATHENS 2004, 2004). Os espetáculos dos Jogos de Atenas foram produzidos pela agência multinacional americana de *brand experience* “Jack Morton Worldwide”, que também atuou nos Jogos Olímpicos de Pequim 2008 e na Copa do Mundo da FIFA na África do Sul em 2010 (JACKSON MORTON, 2020).

Resultados e Discussões

Segmento 1 – Contagem Regressiva

Inicia-se o espetáculo com uma imagem panorâmica do Estádio Olímpico de Atenas, “Spiridon ‘Spiros’ Louisno”, completamente renovado por um projeto do arquiteto Santiago Calatrava, ao entardecer do dia. Os 70.000 espectadores presentes no local acendem luzes, enquanto os holofotes do estádio começam a pulsar em frequências de batimentos cardíacos acompanhadas pelo respectivo som. O palco principal está tomado por água, enquanto o ângulo da imagem se aproxima de um dos telões presentes nas extremidades da estrutura que realizam a interseção das arquibancadas.

Neste telão, corredores são exibidos participando de uma prova de corrida, que foi o primeiro e único esporte dos 13 primeiros Jogos Olímpicos antigos (ATHENS 2004, 2004). A imagem é sobreposta pela contagem regressiva, que pulsa 28 vezes devido ao fato de o evento marcar a realização da XXVIII Olimpíada. Ao atingir o número “0”, explosões pirotécnicas eclodem sobre a tela da esquerda para a direita e para cima, percorrendo ao longo das bordas do telhado no estádio, enquanto a intensidade das luzes é diminuída junto com a alternância dos tons para azul.

Portanto, neste segmento percebe-se um dos atributos de identidade nacional:

- *História*: devido à referência ao primeiro esporte praticado no evento.

Segmento 2 – Bem-Vindos

Com a mudança de ângulo, uma tomada superior revela 400 percussionistas entrando em cena com tambores, entoando o ritmo do batimento cardíaco, enquanto 50 músicos são revelados em um palco tocando bouzouki, um popular instrumento da música tradicional grega. Os percussionistas se dirigem em torno de uma forma elíptica de água que está situada no centro do estádio, simbolizando o mar, que para os gregos representa sua fonte de sustento, viagens, comércio e prazer (BEAULIEU, 2015). Os narradores dão as boas-vindas aos espectadores, enquanto os músicos param quando um novo vídeo é apresentado nos telões.

O vídeo exibe um tour por diversos pontos da Grécia até se aproximar de Olímpia, há 3.000 anos, onde um único percussionista toca um ritmo semelhante às batidas cardíacas. Ele percebe que alguém o está observando e invoca um duelo. Dentro do estádio, outro percussionista reage à provocação com o mesmo instrumento. Neste momento é representada uma interseção entre o antigo e o contemporâneo, um elo entre a civilização grega do passado e do presente. O músico no estádio invade a água em direção ao telão tocando seu instrumento, ambos realizam uma expressão corporal concentrada no improviso, que se caracteriza como uma dança exclusivamente masculina e solitária, o “Zeimbekiko” (ATHENS 2004, 2004). O duelo segue até que ambos conseguem chegar a uma

sincronia musical. A ação tem o espírito dos jogos, iniciando como uma disputa e finalizando como uma confraternização.

Os organizadores mencionaram que o ato simbolizaria a concessão de permissão do antigo estádio em Olímpia para iniciar a cerimônia (ATHENS 2004, 2004). Uma chama pirotécnica sai do telão em direção à água como um raio, desencadeando no momento em que a toca, a formação dos aros olímpicos por meio de chamas sobre o mar (Figura 2, Frame 1). “O fogo simbolizava a divindade da alma e do espírito. Dentro dos tempos antigos, simbolizava o conhecimento e o poder do homem em determinar seu próprio destino” (ATHENS 2004, 2004, p. 28, – tradução nossa). Os percussionistas executam a canção “Zeimbekiko 2004” composta por Stavros Xarhakos.

Portanto, neste segmento percebem-se seis dos atributos de identidade nacional:

- *Língua*: representada pelo grego presente na narração dos cerimonialistas.
- *História*: esboçada pela conexão entre o antigo e contemporâneo.
- *Símbolos*: percebidos pela representação do mar e fogo, e a importância de ambos para a cultura grega.
- *Cenários*: retratados por meio das diferentes paisagens gregas e o antigo estádio em Olímpia exibido nos telões.
- *Zeimbekiko*: “Zeimbekiko 2004” composta por Stavros Xarhakos.
- *Tradicional*: referenciada pelos 50 músicos que tocam o instrumento bouzouki.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é expressa pela entonação marcante, sob curtas pausas. O conteúdo apresenta as boas-vindas aos cidadãos do mundo que estão em Atenas e anuncia que os Jogos Olímpicos retornaram à Grécia.

Segmento 3 – Hasteamento da Bandeira Grega

Um novo ângulo é apresentado sobre a água após o fogo se apagar, e uma réplica de barco de papel com um menino, portando uma bandeira grega, acenando para a plateia, atravessa a forma elíptica, representando o pequeno país de grandes ideias, onde os habitantes crescem cercados pelo mar (Figura 2, Frame 2). Simultaneamente, The Hellenic Navy Band executa uma música folclórica intitulada “Nychterinos Peripatos” do compositor Manos Hatzidakis (1925-1994), vencedor do Oscar pela trilha sonora do filme “Never on a Sunday” (1960). Os cerimonialistas anunciam a entrada do presidente do COI, Jacques Rogge, a presidente do Comitê Organizador Atenas 2004, Gianna Angelopoulos-Daskalaki, e o presidente da República Helênica, Konstantinos Stephanopoulos, ao som de “Fanfare for the President of the Hellenic Republic”, composta por Dimitrios Dighenis.



Figura 2 – Frames da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos – Atenas 2004.

Fonte: Recorte dos autores.

Ocorre a execução do hino grego cantado por um coro a *cappella*, regido por Antonis Kontogeorgiou, e o hasteamento da bandeira grega. Durante o ato, cenas do Partenon, construído em homenagem à deusa Atena na acrópole, são apresentadas nos telões. Posteriormente, ocorre a formação do emblema dos jogos, que remete a uma coroa com folhas de oliveira selvagem, premiação dos Jogos Olímpicos da Era Antiga em Olímpia (THE OLYMPIC MUSEUM, 2002), ao som de “Lefko kai galazio”, composta por Nikos Kypourgos. O ato se encerra com uma queima de fogos de artifício.

Neste segmento, foram identificados sete dos atributos de identidade nacional:

- *Língua*: presente pelo grego na narração cerimonial e execução do hino nacional.
- *História*: apresentada pela ligação entre os jogos antigos e modernos pela coroa com folhas de oliveira.
- *Símbolos*: representados pelo barco de papel e a importância da navegação na história do país, hino e bandeira nacional grega, emblema dos jogos.
- *Cenários*: retratados pela paisagem marítima grega e arqueológica do Partenon.
- *Marcha*: “Nychterinos Peripatos” do compositor Manos Hatzidakis.
- *Arranjo para Orquestra*: “Fanfare for the President of the Hellenic Republic” de Dimitrios Dighenis.
- *Instrumental*: “Lefko kai galazio” composta por Nikos Kypourgos.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é expressa por uma entonação e ritmo constante devido à extensão das descrições da narração. O conteúdo apresenta as autoridades, Jacques Rogge, Gianna Angelopoulos-Daskalaki e o “presidente da democracia”, Konstantinos Stephanopoulos. Posteriormente, ocorre a execução do hino nacional grego.

Segmento 4 – Alegoria

Neste segmento, é recontada a história nacional por meio de uma sequência alegórica, representando três períodos da escultura grega, simbolizando a ascensão do império do pensamento. Inicia-se com a aparição de Lydia Koniordou segurando a cabeça de uma escultura em suas mãos enquanto recita um trecho do poema “Mythistorema 3” de George Seferis, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1963 (NOBEL PRIZE, 2023). O poema, datado de 1935, teve o título inspirado nas palavras gregas para “mito” e “história” e é considerado o texto mais representativo do modernismo grego, estruturado em um entrelaçamento contínuo entre história e mitologia (POETRY INTERNATIONAL, 2002).

Acompanha este segmento a música “Tasted tou Vorria”, composta por Manos Hatzidakis e rearranjada por Nikos Kypourgos. A figura mitológica de um centauro vermelho surge lançando um dardo pelo ar, simbolizando a dualidade do homem (ATHENS 2004, 2004). O dardo se dirige até o centro do palco enquanto uma cabeça do estatuário cicládico datada de 2.700 a.C. emerge da água (Figura 3, Frame 03). A obra faz referência às esculturas oriundas das ilhas Cíclades que portam traços simples, simbolizando as primeiras representações da forma humana esculpida em mármore, uma iconografia expressiva da cultura grega (PLANTZOS, 2008).

A melodia “Langsam” da Symphony N. 3, parte 6 de Gustav Mahler conduz o fundo musical, enquanto o dardo estabiliza-se em frente à cabeça cicládica. Uma projeção incide sobre a superfície da obra, exibindo formas geométricas, matemáticas e o símbolo do átomo, realizando uma homenagem aos físicos e ateístas da Grécia Antiga que auxiliaram na construção do primeiro sistema científico que sustenta a prática científica atual, enaltecendo nomes como Pitágoras, Demócrito e Euclides (ALLEN, 2014).



Figura 3 – Frames da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos – Atenas 2004.

Fonte: Recorte dos autores.

Após a projeção cessar, a peça cicládica se divide em 8 partes, que se afastam lentamente, apresentando “kouros” (Figura 3, Frame 04), um torso clássico de obras escultóricas gregas datado do século VI a.C. (MEYER, 2019), que também se subdivide em 6 partes apresentando uma estátua clássica grega do século V a.C., que se divide por fim em 4 partes. Todos os fragmentos das peças sobrevoam o estádio, pairam por fim próximos à água, simbolizando corpos celestes e a vasta quantidade de ilhas existentes na Grécia. Emerge da água um homem agachado sobre um cubo branco indicado por Pitágoras como a forma geométrica perfeita.

O homem se levanta e caminha quando a forma geométrica gira, simbolizando a “rotação da terra em seu próprio eixo e ao redor do sol” (ATHENS 2004, 2004, p. 34, – tradução nossa). Dezenas de projeções incidem sobre as partes das esculturas, revelando a multiplicidade da vida humana. Um casal apaixonado se dirige até a água enquanto o deus do amor grego “Eros” os observa do alto sob o som de “Erastes” composta por Yorghos Koumentakis.

Portanto, neste segmento percebem-se seis dos atributos de identidade nacional:

- *Língua*: presente pelo grego na recitação de um trecho do poema “Mythistorema 3”.
- *Símbolos*: caracterizados pela figura do centauro, as projeções de formas geométricas, matemáticas, símbolo do átomo, a multiplicidade da vida e a aparição do cubo.
- *Cenários*: ilustrados pela paisagem das ilhas gregas espalhadas sobre o mar.
- *Cultura*: expressa pelo trecho do poema “Mythistorema 3”, peça do estatuário cicládico, figura de “kouros” e a estátua clássica grega.
- *Instrumental*: “Erastes” composta por Yorghos Koumentakis.
- *Sinfonia*: “Tasted tou Vorria” composta por Manos Hatzidakis e “Langsam” da Symphony N. 3, parte 6 de Gustav Mahler.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é expressa por uma entonação poética de ritmo lento. O conteúdo apresenta parte do poema “Mythistorema”, referenciando a mitologia grega com elementos cotidianos da Grécia, fazendo com que o tema mítico apareça de modo fragmentado ao longo da narrativa, sendo capaz de fornecer estabilidade e clareza à emoção do poeta.

Segmento 5 – Clepsydra

Este segmento é descrito como um “desfile colorido e onírico”, exibindo figuras “estilizadas que parecem ter sido trazidas à vida a partir de afrescos gregos, mosaicos, esculturas e pinturas, é uma procissão cronológica de imagens desde os tempos pré-históricos até os modernos” (ATHENS 2004, 2004, p. 36, – tradução nossa) – (Figura 4, Frames 5 e 6). Os valores estéticos empregados referenciam a simplicidade e sofisticação na arte helenística no transcorrer da evolução cultural, apresentando 10

cenas durante o desfile (Figura 5) que visou rememorar a identidade nacional por meio de uma percepção do passado histórico com diversas figuras importantes para a concretização da nação (PLANTZOS, 2008).



Figura 4 – Frames da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos – Atenas 2004.

Fonte: Recorte dos autores.

Todo o transcurso do desfile é regido por “Passage”, composta por Constantinos Vita, que é finalizado quando Eros sobrevoa a figura de uma mulher grávida, retirando seu vestido sob o trecho do Ato III de Aida, da ópera “Qui radames verra... o patria mia” de Giuseppe Verdi, interpretado pela voz de Maria Callas, um ícone soprano grego.

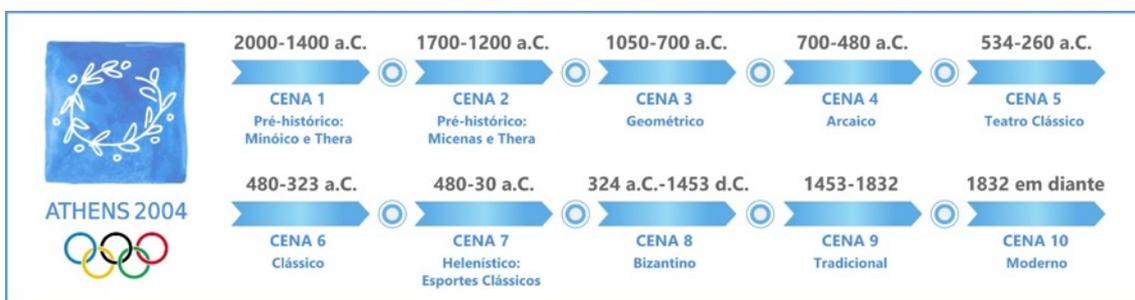


Figura 5 – Períodos Pré-Histórico e Histórico Apresentados em Clepsydra.

Fonte: Elaboração própria com base em Athens 2004, 2004.

Neste segmento, são contemplados seis dos atributos de identidade nacional:

- *História*: devido à representação de eventos históricos exibidos.
- *Símbolos*: caracterizados por uma variedade de elementos, incluindo príncipe dos lírios, sarcófago Hagia Triada, lutadores, pescadores, mulheres micênicas, coletores de açafão, máscara de guerreiros e Agamenon, centauro, escudo, paredes e mascotes geométricos, Potnia Theron, exército, iconografias geométricas, Pegasus, Korai, Kouroi, Epidauro e Melpomene, cavaleiros e seus cavalos, Ménades, Hércules e a Hidra, deusas e deuses antigos, como Athena, Zeus, Hera, Íris, Afrodite, Eros, Artemis, Apolo, Poseidon, Alexandre, o Grande, anjos, inferno, paraíso, São Jorge e o dragão, heróis gregos, dançarinos folclóricos, homens de Creta, tsoliades, esportes, karagiozis, rebetiko, entre outros.
- *Cenários*: esboçados pelas diferentes paisagens culturais apresentadas durante o desfile.
- *Cultura*: evidenciada pelas práticas, manifestações culturais e atividades de subsistência gregas retratadas durante o desfile.
- *Tradicional*: expressa por diversos elementos da música tradicional grega ao longo da composição “Passage” de Constantinos Vita.
- *Ópera*: sonorizada por “Qui radames verra... o patria mia” de Giuseppe Verdi.

Segmento 6 – O Livro da Vida e a Oliveira

O símbolo da nova vida, retratado pela barriga brilhante da mulher grávida, chama todos os integrantes do “Clepsydra” para observarem no meio da água a formação de uma fita espiralada do DNA, portando a transmissão genética que une a humanidade (Figura 6, Frame 7). Luzes se acendem embaixo da água, simbolizando estrelas, que refletem seu brilho no mar desde a galáxia, um importante objeto de indagações humanas ao longo da evolução da vida terrestre e estritamente vinculado à mitologia grega (BUXTON, 2004). O segmento é conduzido pela música “Double Helix”, composta por Nikos Kypourgos.



Figura 6 – Frames da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos – Atenas 2004.

Fonte: Recorte dos autores.

Todo o elenco se dirige ao palco enquanto uma oliveira é içada no centro e a água é escoada (Figura 6, Frame 8), ao som de “Karpos”, composta por Giorgos Trandalidis. A oliveira é um dos símbolos mais importantes da Grécia, vinculado diretamente aos Jogos Olímpicos (SWADDLING, 2015), com importância cultural, mas também econômica, ecológica e paisagística (LOUMOU; GIOURGA, 2003). Os cerimonialistas narram a entrada das delegações no Estádio Olímpico de Atenas.

Portanto, neste segmento, percebem-se cinco dos atributos de identidade nacional:

- *Língua*: presente pelo grego na narração cerimonial.
- *Símbolos*: com a apresentação do DNA, galáxia e a oliveira.
- *Cultura*: representada pela importância da oliveira nas manifestações culturais e de subsistência grega.
- *Instrumental*: “Double Helix” de Nikos Kypourgos.
- *Ópera*: “Karpos” de Giorgos Trandalidis.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa apresenta uma entonação cerimonial marcante, que inclui a utilização de exclamações e um ritmo alternado. O conteúdo anuncia a chegada de todos os atletas dos cinco continentes aos Jogos da XXVIII Olimpíada.

Segmento 7 – Os Atletas do Mundo e “Oceania”

Com a tradição do país berço dos Jogos, a Grécia adentra o estádio inicialmente na parada dos atletas. Um esportista sozinho ingressa com a bandeira nacional, já que a delegação seria a última, seguindo também a regra de que o país-sede finaliza o desfile. O ato é acompanhado pelos sons “Athletes” composta e arranjada pelo Dj Tiesto e “Greek Team” composta por Nikko Patrelakis. As porta-bandeiras que conduzem as delegações usam vestidos inspirados em iconografias presentes em vasos da Grécia Antiga e carregam placas com os nomes dos países em grego, francês e inglês. Após todos os atletas estarem presentes no centro do estádio, os cerimonialistas desejam-lhes sucesso durante as disputas com uma queima de fogos de artifício.

A cantora Björk, em um altar superior, canta a música de sua própria autoria “Oceania”. De seu vestido, prolonga-se um tecido que cobre os atletas presentes no palco, formando o mapa-múndi, com uma área de 9.270 metros quadrados, tornando essa imagem a maior fotografia impressa até então (ATHENS 2004, 2004). Ocorre uma nova queima de fogos de artifício. O segmento é finalizado com uma mensagem de astronautas na International Space Station – ISS.

Portanto, neste segmento, são evidenciados três dos atributos de identidade nacional:

- *Língua*: presente pelo grego na narração cerimonial.
- *Símbolos*: apresentados pelas iconografias presentes em vasos da Grécia Antiga e o mapa-múndi.
- *Eletrônica*: “Greek Team” de Nikko Patrelakis.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é expressa por uma entonação cerimonial com ritmo mais lento. O conteúdo saúda todos os atletas presentes no país onde nasceu a modalidade esportiva do atletismo, desejando-lhes grande sucesso.

Segmento 8 – Homenagem às Cidades Olímpicas e Abertura dos Jogos

Ocorre uma homenagem ao barão francês Pierre de Coubertin, com um breve histórico sobre a renovação moderna dos Jogos Olímpicos. Um corredor contorna o palco com uma bandeira contendo a imagem de um ramo de oliveira, enquanto os cerimonialistas narram as cidades que sediaram o evento desde 1896 em Atenas, com pausas durante as duas guerras mundiais, até chegar ao centro do palco com Atenas 2004, ao som de “28”, composta por Konstantinos Vita. Uma nova queima de fogos de artifício é realizada.

Em seguida, ocorrem os discursos, primeiro pelo presidente do COI, Jacques Rogge, seguido pela presidente do Comitê Organizador, Gianna Angelopoulos-Daskalaki, que corrige a história, já que as mulheres nunca puderam participar dos Jogos Olímpicos da Era Antiga (SILVA, 2019). O ato protocolar dos discursos é regido pelas melodias de “Fanfare II” composta por John Psathas. Posteriormente, Jacques Rogge convida o presidente da República Helênica, Konstantinos Stephanopoulos, para declarar os jogos abertos. Cinco sinos badalam, representando os cinco continentes.

Portanto, neste segmento percebem-se seis dos atributos de identidade nacional:

- *Língua*: presente pelo grego na narração cerimonial.
- *História*: retratada pela repaginação moderna dos Jogos Olímpicos.
- *Símbolos*: ilustrados pelo ramo de oliveira.
- *Cultura*: apresentada pelos sinos, essenciais em cerimônias e festas gregas.
- *Arranjo para Orquestra*: “Fanfare II” de John Psathas.
- *Eletrônica*: “28” de Konstantinos Vita.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é novamente expressa por uma entonação cerimonial, com ritmo alternado. O conteúdo apresenta os discursos do presidente do COI, Jacques Rogge, e da presidente do comitê organizador, Gianna Angelopoulos-Daskalaki.

Segmento 9 – Hasteamento da Bandeira Olímpica e Juramentos

Neste segmento, ocorrem outros atos protocolares do espetáculo, com o hasteamento da bandeira olímpica e os juramentos. O ato é acompanhado pelas composições “Sta Pervolia” do balé “Zorbas” Act 1 cena VI de Mikis Theodorakis e “Fanfare III”, composta por John Psathas.

Portanto, neste segmento estão presentes três dos atributos de identidade

- *Língua*: presente pelo grego na narração cerimonial.
- *Música Folclórica*: “Sta Pervolia” de Mikis Theodorakis.
- *Arranjo para Orquestra*: “Fanfare III” de John Psathas.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é pronunciada regida pela entonação cerimonial, marcante e com um ritmo pausado. Os conteúdos apresentam os condutores da bandeira olímpica e a execução dos juramentos dos jogos.

Segmento 10 – O Acendimento da Pira

Os cerimonialistas apresentam a chama olímpica, que percorreu pela primeira vez na história a América Latina e a África. No centro do palco, três anéis entrelaçados surgem enquanto corredores portando bastões iluminados flutuam em direção à estrutura (Figura 7, Frame 9) sob a música “Fanfare d’ouverture” composta por Claude Debussy (1862-1918), arranjada por John Psathas. Um deles se dirige ao chão e o toca com o bastão, acendendo a palavra “Olímpia” em grego.

Novamente, sob o som de batidas cardíacas, entra o primeiro condutor da tocha olímpica no estádio, passando a chama até o último condutor, o velejador grego Nikolaos Kaklamanakis, que atravessa todos os atletas. Ele sobe uma escada no momento em que uma das supostas estruturas fixas do estádio começa a mover-se para baixo, indo em sua direção “buscar” o fogo sagrado (Figura 7, Frame 10). A estrutura tem o mesmo design da tocha olímpica, que remete a uma folha de oliveira. A música que encerra o espetáculo é “Pirogov” composição de Dmitri Shostakovich (1906-1975), arranjada por John Psathas.



Figura 7 – Frames da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos – Atenas 2004.

Fonte: Recorte dos autores.

Neste segmento, portanto, são destacados cinco dos atributos de identidade nacional:

- *Língua*: presente pelo grego na narração cerimonial.
- *Símbolos*: representados pelo design da estrutura e tocha olímpica que remetem a uma folha de oliveira.
- *Cultura*: apresentada pelo elemento “fogo” e tocha olímpica, intrínsecos à cultura nacional grega.
- *Arranjo para Orquestra*: “Fanfare d’ouverture” de Claude Debussy.
- *Instrumental*: “Pirogov” de Dmitri Shostakovich.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é expressa por meio de uma entonação cerimonial marcante e progressivamente exclamada, obedecendo a um ritmo pausado. O conteúdo narra o percurso da tocha olímpica pela primeira vez em todos os continentes e apresenta a entrada da chama olímpica no estádio.

Considerações Finais

Com o transcorrer do último século, as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos firmaram-se como espetáculos de grande impacto midiático e cultural, apresentando identidades tanto de suas cidades quanto dos países-sede por meio de produções audiovisuais que enfocam manifestações artístico-culturais como formas de singularizar uma nação (SILVA, 2019). A transmissão da edição Grega em 2004 foi estimada pelo COI (2005), atingindo uma audiência global sem precedentes de 3,9 bilhões de pessoas e contemplando 220 países em todo o mundo.

O espetáculo de abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 foi concebido e dirigido pelo diretor de teatro, coreógrafo e artista visual grego Dimitris Papaioannou, que junto a uma vasta equipe de produção criaram um espetáculo vinculado ao eixo artístico dos jogos (BOCCIA, 2013), elogiado pela imprensa mundial e que propôs uma (re)significação da imagem da identidade nacional grega. Conforme bem denominou Hall (2014, p. 52), essa “narrativa da nação” não pode ser considerada um elemento estático, mas sim algo em constante discussão e transformação (TRAGANOU, 2010).

Embora, alicerçada sobre um longo capítulo da pré-história e história mundial que engloba a importância cultural da Grécia Antiga, o diretor e sua equipe projetaram uma nova concepção estética para as cerimônias olímpicas. Eles concentraram a criação do espetáculo nas raízes milenares do teatro e da arte performática, incorporando avanços tecnológicos, como o uso de um sistema mecânico que permitiu a movimentação de elementos cênicos, por meio de uma câmara localizada sob o campo de futebol no estádio, que foi transformado em palco principal.

A cerimônia explorou intensamente o fato de os Jogos Olímpicos terem sido concebidos na Grécia Antiga e de a Grécia ter sido a primeira sede do evento em sua repaginação moderna em 1896. Assim, segundo Plantzos (2008, p. 13 – tradução nossa), o espetáculo concentrou-se na construção da identidade “através de uma percepção do passado histórico”, permeando as diferentes formas de arte. Esse enfoque direcionou a atenção de uma audiência global para a identidade nacional do país, comprovando o potencial do evento como o único capaz de “apresentar uma nação-sede e uma cidade para o mundo” (PAYNE, 2006, p. 202).

A mitologia e o folclore grego foram inextricavelmente explorados com o objetivo de criar um impacto visual significativo, que, conforme Plantzos (2008, p. 11 – tradução nossa), resultou em uma “confirmação da identidade helênica” por meio de “um ensaio da história grega com base em evidências arqueológicas tangíveis e seu apelo estético e, além disso, uma reafirmação da conexão dessa cultura - passado, presente, eterno - com a terra”. No entanto, a escolha de focar o espetáculo no passado pré-histórico e histórico também gerou críticas, como as realizadas pela autora Karaiskou (2015, p. 05 – tradução nossa), quando explana que a identidade apresentada foi resultante de uma “fixação e nostalgia pelo passado”.

Ainda de acordo com Karaiskou (2015, p. 146, – tradução nossa), o conteúdo derivado da antiguidade “moldou a memória social e as identidades coletivas, promulgando imagens e narrativas codificadas e reiteradas”, ratificando assim, com a análise crítica presente na obra de Leahy (2016, p. 180, – tradução nossa), quando salienta que a identidade grega contemporânea “não é apenas nutrida pela recuperação de seu passado mitológico e histórico no presente”, mas que ela também é fortificada “por uma busca de reconhecimento e reparação que vincula as campanhas pelo retorno das Olimpíadas e o repatriamento de antiguidades” (Ibid, p. 180).

Apesar dos diversos pontos de divergência sobre a aceitação do enredo escolhido para o espetáculo como um processo de reafirmação identitária, a cerimônia de abertura de Atenas 2004 consolidou-se

como um evento cultural de impacto expressivo. Ela apresentou ao mundo, por meio de uma expressão contemporânea da herança cultural grega, um novo produto artístico em espetáculos audiovisuais. Esse apelo estético levou à indicação e posterior premiação do diretor Dimitris Papaioannou com um Emmy® em 2005, na categoria de “Outstanding Lighting” (IMDB, 2022).

O espetáculo não apenas teve uma repercussão positiva no meio artístico, mas também recebeu elogios da imprensa internacional. Logo após sua exibição ao vivo, diversos veículos jornalísticos, como o jornal americano *The Time* (2004, n.p., – tradução nossa), que estampou “Da tragédia ao triunfo” (fazendo alusão às críticas recebidas pela organização do evento devido aos possíveis atrasos na entrega de estruturas esportivas). Conforme Payne (2006, p. 282), as “imagens e os relatos da mídia a partir dos Jogos transmitidos para todo o mundo ajudaram a reposicionar a Grécia como país”. Ele acrescenta ainda que o mundo “acabou descobrindo uma nova Grécia” por meio das “imagens mitológicas e tradicionais combinadas com projetos modernos e dinâmicos” (Ibid, p. 282).

Nessa conjuntura, o presente estudo alcançou seu objetivo principal de desvendar a identidade nacional grega apresentada na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, fundamentado na vertente semiótica de Peirce (2017). Assim, as simbologias de elementos histórico-culturais foram analisadas e respaldadas por articulações teóricas, permitindo uma melhor compreensão do renascimento helênico projetado para o público em 2004. O espetáculo mesclou elementos e iconografias já difundidas globalmente, ampliando, portanto, a difusão da cultura grega na memória popular.

Vale ressaltar que durante a análise, não foram contempladas a execução das músicas “Athletes” do Dj Tiesto (gênero de música eletrônica) e “Oceania” de Björk (gênero de música pop). Isso ocorreu porque essas músicas não se encaixam na identidade nacional estudada, uma vez que tanto a nacionalidade quanto a obra dos dois artistas não são gregas. Entende-se que a inclusão desses elementos decorre da forte globalização em megaeventos como os Jogos Olímpicos, representando também elementos de identidade global. No entanto, eles não se alinham com a proposta de investigação deste estudo.

A pesquisa contribui para a ampliação dos fundamentos teóricos relacionados à arte e à identidade nacional grega, bem como para a investigação das cerimônias de abertura olímpicas. Foram identificadas algumas limitações no que diz respeito à compreensão dos gêneros musicais presentes no espetáculo, o que levou a uma investigação aprofundada sobre a classificação desses gêneros nas unidades de análise da identidade nacional. Essa complexidade decorre do elaborado trabalho de criação desenvolvido para o impacto musical do evento. Como sugestão para pesquisas futuras, propõe-se a análise da percepção dos cidadãos nacionais em relação ao conteúdo abordado em espetáculos audiovisuais, como as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos.

Referências

ALLEN, David H. *How Mechanics Shaped the Modern World*. Texas: Springer, 2014. 407 p.

ARNING, Chris. Soft Power, Ideology and Symbolic Manipulation in Summer Olympic Games Opening Ceremonies: A Semiotic Analysis. *Social Semiotics*, [S.l.], v. 23, n. 4, p. 523-544, set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1080/10350330.2013.799008>.

ATHENS 2004. *Athens 2004 – Opening Ceremony Media Guide*. Athens: Centre d'études Olympiques. 2004. 70 p.

BARROS, José D'assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, v. 09, n. 01, p. 125-141, 2005. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v9i1.41422>.

BAUDRILLARD, Jacques. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992. 201 p.

- BEAULIEU, Marie-claire. *The Sea in the Greek Imagination*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015. 280 p.
- BOCCIA, Leonardo. Comparando Cerimônias de Abertura Olímpicas e seus Impactos no Legado Estético da Humanidade. *Espetáculos Culturais e Sociedade*, [S.l.], v. 4, p. 153-174, 2013.
- BUXTON, Richard. *The Complete World of Greek Mythology*. London: Thames & Hudson, 2004. 256 p.
- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2014. 219 p.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002. 243 p.
- COLLI, Eduardo. *Universo Olímpico: Uma Enciclopédia das Olimpíadas*. São Paulo: Códex, 2004. 731 p.
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *Athens 2004: Marketing Report Available*. 2005. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/athens-2004-marketing-report-available>. Acesso em: 5 mar. 2020.
- COUBERTIN, Pierre de. *Olimpismo: Seleção de Textos*. Lausanne: Comitê Internacional Pierre de Coubertin, 2015. 890 p. Disponível em: <http://coubertin.org/docs/PdC-Olimpismo.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 264 p.
- FREIRE, Marcus Vinicius; RIBEIRO, Deborah. *Ouro Olímpico: A História do Marketing dos Aros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. 333 p.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.a., 1989. 224 p.
- GIRGINOV, Vassil; PARRY, Jim. *The Olympic Games Explained: A Student Guide to the Evolution of the Modern Olympic Games*. London: Routledge, 2005. 288 p.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. 52 p. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.
- HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma Breve História da Humanidade*. 32. ed. Porto Alegre: Companhia das Letras, 2020. 472 p. Trad. Jorio Dauster.
- HOGAN, Jackie. *Gender, Race and National Identity: Nations of Flesh and Blood*. London: Routledge, 2011. 270 p.
- IMDB - INTERNET MOVIE DATABASE. *Athens 2004: Games of the XXVIII Olympiad*. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0397125/awards>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- JACKSON MORTON. *Public-events*. 2020. Disponível em: www.jackmorton.com/services/public-events/. Acesso em: 20 fev. 2020.
- KARAIKOU, Viki. *Uses and Abuses of Culture: Greece 1974-2010*. Greece 1974-2010. eBook Kindle: Cambridge Scholars Publishing, 2015. 255 p.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994. 368 p.
- LEAHY, Helen Rees. 'Fix'd Statue on the Pedestal of Scorn': the Politics and Poetics of Displaying the Parthenon Marbles in Athens and London. In: BONAVENTURA, Paul; JONES, Andrew (ed.). *Sculpture and Archaeology*. New York: Routledge, 2016. Cap. 10. p. 179-214.

- LOUMOU, Angeliki; GIOURGA, Christina. Olive groves: “The Life and Identity of the Mediterranean”. *Agriculture And Human Values*, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 87-95, 2003. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1023/a:1022444005336>.
- MEYER, Marion. The Hellenistic Styles in Greek Sculpture. In: PALAGIA, Olga (ed.). *Handbook of Greek Sculpture*. Berlin: De Gruyter, 2019. p. 395-426.
- MISSES, Judit Bokser. Cultura e identidade nacional: Roberto Blancarte (comp.). Cultura e identidade nacional, México, fce, 1994. *Revista Mexicana de Ciencia Políticas y Sociales*, v. 41, n. 165, p. 221-226, 1996.
- NOBEL PRIZE. *Giorgos Seferis*. 2020. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1963/seferis/speech/>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- PANAGIOTOPOULOU, Roy. The Cultural Olympiad of the Athens 2004 Olympic Games: A Tribute to Culture, Tradition and Heritage. In: EMRICH, Eike et al (ed.). *Cultural Views of the Olympics: “citius, altius, fortius, pulchrius, humanius”*. Kassel: Agon Sportverlag, 2016. p. 133-157.
- PAYNE, Michael. *A Virada Olímpica: Como Os Jogos Olímpicos Tornaram-se a Marca Mais Valorizada do Mundo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. 320 p.
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. 4. ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2017. 352 p.
- PLANTZOS, Dimitris. Archaeology and Hellenic identity, 1896-2004: the Frustrated Vision. In: DAMASKOS, Dimitris; PLANTZOS, Dimitris (ed.). *A Singular Antiquity: Archaeology and Hellenic Identity in Twentieth-century Greece*. Archaeology and Hellenic Identity in Twentieth-Century Greece. Athens: Benaki Museum, 2008. Cap. Introduction. p. 10-30.
- POETRY INTERNATIONAL. *Archive George Seferis*. 2002. Disponível em: <https://www.poetryinternational.org/pi/poet/2453/George-Seferis/en/tile>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- ROSE, Diana. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. Cap. 14. p. 343-364.
- SAJNA, R. Branding Rio, Brazil and the Environment: A Global Media Coverage of the 2016 Summer Olympics Opening Ceremony. *Observatorio (OBS*)*, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 47-60, 2018.
- SCHNEIDER, Jens. Discursos Simbólicos e Símbolos Discursivos: Considerações Sobre a Etnografia da Identidade Nacional. *Mana*, v. 10, n. 1, p. 97-129, 2004. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-93132004000100004>.
- SILVA, Bruno de Oliveira da; TRICÁRIO, Luciano Torres; PEREIRA, Yára Christina Cesário. Um Novo Olhar Artístico: A Concepção da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. *Art&Sensorium*, [S.l.], v. 10, n. 01, p. 21-39, 23 jun. 2023. Universidade Estadual do Paraná – Unespar. <http://dx.doi.org/10.33871/23580437.2023.10.01.21-39>.
- SILVA, Bruno de Oliveira da. *Arte e Encantamento no Desvelar Simbólico da Identidade Nacional na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016*. 2019. 243 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí – Univali, Balneário Camboriú, 2019. <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.13911.29604/3>.
- SILVA, Sergio Luís Pereira da. *O Lugar da Arte na Memória Social e na Identidade Cultural*. In: V Seminário de Informação em Arte – REDART. 2017. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/5-seminario-de-informacao-em-arte/trabalho/43973>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SWADDLING, Judith. *The Ancient Olympic Games*. 3. ed. Austin: University of Texas Press, 2015. 120 p.

THE OLYMPIC MUSEUM. *The Olympic Games in Ancient Greece*. 2002. Disponível em: dide.mag.sch.gr/grfa/Olympiaki_paideia/kathigites.pdf. Acesso em: 05 fev. 2020.

THE TIMES. *From Tragedy to Triumph*. 2004. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/from-tragedy-to-triumph-5pqstzq2qt>. Acesso em: 05 mar. 2020.

TOMLINSON, A; YOUNG, C. Culture, Politics, and Spectacle in the Global Sports Event: An Introduction. In TOMLINSON, Alan; YOUNG, Christopher. (Ed.). *National Identity and Global Sports Events: Culture, Politics, and Spectacle in the Olympics and the Football World Cup*. Suny Press, 2006. p. 1–14).

TRAGANO, Jilly. National and Post-national Dynamics in the Olympic Design: The Case of the Athens 2004 Olympic Games. *Design Issues*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 76–91, 2009. <http://dx.doi.org/10.1162/desi.2009.25.3.76>.

TRAGANO, Jilly. National Narratives in the Opening and Closing Ceremonies of the Athens 2004 Olympic Games. *Journal of Sport And Social Issues*, [S.l.], v. 34, n. 2, p.236-251, maio 2010. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0193723509360217>.

Filmografia

ATHENS 2004 OPENING CEREMONY. Dir. Dimitris Papaioannou. Atenas: International Olympic Committee, 2004. 207 min. <https://www.olympicchannel.com/en/video/detail/athens-2004-opening-ceremony/>

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.